

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

Propostas para educar pelas narrativas utilizando as mônadas: Caso do ensino da história e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas Escolas

Proposals for educating through narratives using monads: The case of teaching African and Afro-Brazilian history and culture in Schools

Juvinal Domingos da Costa - Estudante do PPGE-UFSC e orientado pelo professor Dr. Elison Antonio Paim

Elison Antonio Paim - Professor do PPGE-UFSC e Orientador.

Resumo

O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras, impulsionado pela Lei 10.639/2003, busca promover uma educação inclusiva, antirracista e plural. O objetivo é acompanhar e reconhecer a heterogeneidade cultural e social do Brasil, ao mesmo tempo em que se compreendem as dinâmicas sociais existentes, as mazelas geradas pelo racismo estrutural e o apagamento histórico de grupos politicamente minorizados, suas histórias e resistências¹. Esta comunicação propõe a construção teórico-metodológica de propostas educacionais que empregam narrativas como mônadas, buscando demonstrar como a integração desses elementos pode potencializar o combate ao racismo e o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Para isso, dialogamos com as contribuições da autora Conceição Evaristo, tendo como referência o capítulo "Narrativas de (re)existência", que se originou de sua fala no XIII Encontro Regional Sudeste da História Oral, em 2019, no salão Pedro Calmon da UFRJ. Buscamos demonstrar como a integração desses elementos pode potencializar a experiência educativa, promovendo uma compreensão mais profunda e engajadora do conhecimento, no combate ao racismo e no ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas.

Palavra-chave: Educação; Diáspora africana; Mônada; Narrativas; (Re)existência.

Abstract

The teaching of African and Afro-Brazilian history and culture in Brazilian schools, driven by Law 10.639/2003, seeks to promote an inclusive, anti-racist and plural education. The objective is to accompany and recognize the cultural and social heterogeneity of Brazil, while understanding existing social dynamics, the ailments generated by structural racism, and the historical erasure of politically minoritized groups, their histories and resistances. This communication proposes the theoretical-methodological construction of educational proposals that employ narratives as monads, seeking to demonstrate how the integration of these elements can enhance the fight against racism and the teaching of African and Afro-Brazilian culture in schools. To this end, we engage with the contributions of the author Conceição Evaristo, using as a reference the chapter "Narratives of (re)existence," which originated from her speech at the XIII Southeastern Regional Meeting of Oral History in 2019, held in the Pedro Calmon Hall at UFRJ. We seek to demonstrate how the integration of these elements can enhance the educational experience, promoting a deeper and more engaging understanding of knowledge in the fight against racism and in the teaching of African and Afro-Brazilian culture in schools.

Keywords: Education; African diaspora; Monad; Narratives; (Re)existence.

Introdução

Como Bissau-guineense e africano no Brasil tive oportunidade, como muitos africanos que aqui chegam (tanto como estudantes e imigrantes) de rasgar o véu que nos cobria da realidade existente no país com a maior população negra fora da África. Um véu que nos cobria, e ainda nos cobre, tecido pela mídia e pela própria história oficial do país. Esta última, escrita por uma elite, que

¹ Esse breve artigo é produzido como trabalho final da disciplina, Ensino de história: história oral e narrativa. semestre:2025.1. A disciplina é ministrada pelo professor Dr. Elison Antonio Paim.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

buscou embranquecer uma nação multiétnica e multicultural, que por séculos dependeu da mão de obra escravizada de africanos e indígenas. Um capítulo da história brasileira que, ao que parece ainda não foi resolvido, pois percebe-se que, em termos raciais, o Brasil ainda olha para África como aquilo que não gostaria de ser, e a pele escura que possui, por muito tempo quis e ainda tenta eliminá-la, e ao mesmo tempo, olha para outros lugares, como a Europa, como aquilo que sonha em ser: um país branco. Na sua fala, em 2019, no salão Pedro Calmon da UFRJ, durante o XIII Encontro Regional Sudeste da História Oral a Conceição Evaristo, sabiamente nos lembrou que:

A busca pelo passado histórico pelos povos subjugados, ontem e hoje, tem sido um movimento marcante e de cunho emancipador. Como tal passado não se enscreveu na história elaborada pelos dominadores, sofrendo um processo de apagamento -ou, quando escrito, foi violentamente deturpado, o fenômeno literário surgido a partir desses sujeitos históricos vem de uma veia subterrânea na qual estão inscritos. (EVARISTO, 2019, p.24-25)

O passado histórico mencionado pela Conceição não parece muito distante, vive-se não só nos monumentos históricos, museus espalhados por todo país, mas na memória e na cultura desses povos que brutal e silenciosamente foram marginalizados. Os descendentes dos africanos escravizados no Brasil ainda guardam marcas e elementos culturais dos seus antepassados sequestrados da África. Como o ‘migrante nu’ (Glissant apud Evaristo, 2019), ou seja, aquele que aporta sem nada e de mãos acorrentadas e vazias, que, ao longo dos séculos de escravidão, o africano no ‘novo mundo’ guardou e transmitiu cuidadosamente as memórias de sua terra em novos hábitos culturais, estes criados para se adaptar à cruel realidade vivida. O negro desenvolveu técnicas para guardar a memória e transmiti-la pela oralidade, como seus antepassados africanos². Já que não podiam registrar a própria história e memórias de suas experiências na história oficial.

Nesse contexto, nossa proposta teórico-metodológica para o desenvolvimento de práticas educacionais que empregam narrativas no processo de ensino-aprendizagem parte da premissa de que trazer as narrativas e experiências vividas por afrodescendentes e africanos aqui no Brasil, em suas próprias falas, seria de grande importância no combate ao racismo estrutural, no ensino da cultura e história africana, na promoção de uma educação inclusiva e na desmistificação dos estereótipos e preconceitos construídos ao longo dos séculos sobre a história e cultura africana na diáspora. Entretanto, para a elaboração deste artigo, apoiamos-nos na entrevista realizada com Nataniel, jovem angolano e ex-mestrando em Letras e Língua Portuguesa pela UFSC e alguns textos da disciplina como a de Conceição Evaristo: Narrativa de (re) existência.

Para tanto, este artigo está dividido em duas partes principais: a primeira discute a questão do negro e suas diásporas, enquanto a segunda apresenta nossas propostas teórico-metodológicas para práticas educacionais que empregam narrativas de memória e experiência como elemento de ensino

² Recomendo o texto do historiador Belga, Jan Vansina, o estudioso das tradições orais africanas. VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. In: História Geral da África, V.I. SP, ÁTICA UNESCO. 2010).

usando mônadas.

Quando discutimos a cultura africana e suas memórias, vale sempre destacar a oralidade como um dos seus veículos de transmissão. Um elemento ainda indissociável e presente nas sociedades e tradições africanas, abaixo do saara em particular. O tradicionalista, Amadou Hampaté Bâ, nos diz o seguinte:

Quando falamos da tradição em relação à história africana, referimo-nos a tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre ao discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer que são a memória viva da África. (Bâ, 2010, p. 167).

Muitos que foram educados nas tradições orais- ou seja, nas culturas onde a oralidade é mais recorrente do que a escrita, além de desenvolverem hábitos culturais que preservam, que cuidadosamente transmitem tudo o que a sociedade tem como relevante para perfeito funcionamento das instituições sociais, esses indivíduos dominam a arte da fala, pois, a ela é atribuída significados que o consagram como elemento de preservação da cultura e identidade. A oralidade não é apenas o meio pelo qual se transmite um saber ancestral, mas uma teia que costura e organiza as instituições sociais em África.

África e suas diásporas.

A África a que este texto se refere é aquela África inventada pela modernidade eurocêntrica. Uma dita selvagem, habitada por povos supostamente “inferiores” e que nas escolas é sempre lembrada quando se quer ensinar o capítulo mais sombrio e brutal da história brasileira: a escravidão. E, na mesma linha, referimo-nos à África criada no imaginário panafricanista, uma África referenciada como lugar de origem, de ancestralidade cultivada pelos africanos e seus descendentes nas américas, especialmente no Brasil: A diáspora africana brasileira.

A questão da raça, da classificação e hierarquização dos grupos humanos no qual deriva o racismo que conhecemos, ainda continua sendo um dos maiores problemas do século XXI (Miranda; Riasco; Quiñonez, 2014). Como um dos mitos fundantes da modernidade ocidental³, a ideia de raça também esteve na origem do nacionalismo africano moderno, surgindo como resposta ao processo de racialização e marginalização da África e do negro. Dialogando com o Appiah, nos diz o seguinte:

“No cerne da visão de Crummell há um só conceito norteador: a raça. "Africa" de Crummell é a pátria da raça negra, e seu direito de agir dentro dela, falar por ela e arquitetar seu futuro decorria na concepção do autor o fato de ele também ser negro. Mais do que isso, Crummell sustentava que havia um destino comum para os povos da Africa, pelo que devemos sempre entender o povo negro, não porque eles partilhassem de uma ecologia comum, nem porque tivessem uma experiência histórica comum ou enfrentassem uma ameaça comum da Europa imperial, mas por pertencerem a essa única raça. Para ele, o que tornava a Africa unitária era

³ Paim, 2023, p.209

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

ela ser a pátria dos negros, assim como a Inglaterra era a pátria dos anglo-saxões, ou a Alemanha, a dos teutões. Crummell foi uma das primeiras pessoas a falar como negro na África, e seus textos efetivamente inauguraram o discurso do pan-africanismo. E que ele pensava no povo da África (em termos que o nacionalismo do século XIX tornava naturais) como sendo um único povo, a ser concebido, à semelhança dos italianos ou anglo-saxões, em certo sentido, como uma unidade política natural. Esse é o pressuposto fundamental do pan-africanismo”. (Appiah, 1997 p.22)

Considerado por muitos como um dos pais do nacionalismo africano moderno e do panafricanismo, o Crummell⁴ lançaria as bases para o que, nas primeiras décadas do século XX, seria os movimentos de luta pelas independências africanas, mesmo nunca tendo participado de nenhum congresso pan-africanista— todos ocorreram depois dele, como o primeiro a ser realizado em 1900, organizado por Henry Sylvester-Williams das Índias Ocidentais. Para muitos, foi o próprio Sylvester-Williams que deu essa ideia: panafricanismo⁵. Uma ideologia que pregava dois elementos básicos: “a herança comum das pessoas de descendência africana em todo mundo e a incumbência dos povos africanos de trabalhar pelos interesses e bem-estar uns dos outros em qualquer lugar” (Khapoya, 2015 p.210). O objetivo deste encontro, de 1900, era protestar, junto ao governo britânico, das ações alarmantes, brutais e de expansão e domínio colonial em curso em toda a África e o tratamento racista que os africanos e seus descendentes estavam vivendo em todo o mundo, Londres em especial.

Depois de Williams teremos mais dois nomes importantes na causa do nacionalismo africano moderno, como W.E.B. Dubois e Marcus Garvey. Este último era tido como o mais radical, pregava a ideia de volta para África assim como fazia, quase na mesma linha, o Alexander Crummell. As ações dos pan-africanistas tiveram um impacto significativo no universo africano e afrodiásporico. A evidência disso são os próprios líderes africanos pró-independências que surgiram depois do congresso de 1945 em Manchester, muitos se tornaram presidentes dos seus países, depois de liderarem o movimento de independência, caso do ganês Kwame Nkrumah que, também participou como um dos secretários no congresso. Mas, um dos maiores triunfos do movimento foi lembrar ao ocidente que África, o negro tem história e cultura. E ela, como afirma Joseph Ki-zerbo, (...) “a história de África é tomada de consciência”⁶. Uma consciência renascida e exigida para combater a colonialidade, racismos, ignorância e opressão construída ao longo dos séculos pelo ocidente⁷. E nesse contexto, o próprio Ki-zerbo disse o seguinte:

“Nesse sentido, a história da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela “força das circunstâncias”, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente

⁴Alexander Crummell (1819-1898) foi um pastor e acadêmico americano. Ordenado padre [episcopal](#) na América, Crummell foi à [Inglaterra](#) no final da década de 1840 para arrecadar fundos para sua igreja, dando palestras sobre [a escravidão americana](#). [Abolicionistas](#) apoiaram seus três anos de estudo na [Universidade de Cambridge](#), onde Crummell desenvolveu conceitos de [pan-africanismo](#) e foi o primeiro aluno negro registrado e graduado da instituição. (Appiah, 1997)

⁵ Khapoya, 2015, p.210

⁶ Ki-zerbo, 2010, p.32

⁷ Segundo o sociólogo, porto-riquenho, pertencente ao grupo modernidade-colonialidade “O racismo/sexismo epistêmico é um dos problemas mais importantes do mundo contemporâneo. O privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticos do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo”. (GROSFOGUEL, 2016 p. 25)

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro”. (Ki-zerbo, 2010, p.32)

O Ki-zerbo não quer uma “história-revanche”, ele faz questão de enfatizar na sua escrita, mas uma que retorne à ciência, e ressuscita a imagem da África que pela ignorância e interesses econômicos e imperialista foi escamoteada, pois África tem história. E, além de deturpar e alegar que África, o negro não tinha história, dentro dessa lógica classificação e hierarquização dos grupos humanos em raças, coloca os africanos em uma única categoria homogênea. A respeito, nos diz Paim:

“Essas hierarquias e apagamentos das diferenças vem se perpetuando historicamente. Vem se perpetuando para quê? para apagar múltiplos povos e enaltecer os ditos brancos europeus que se colocam no topo da hierarquia. Para tal propósito, os próprios filósofos foram construindo justificativas para afirmar e garantir a raça como elemento distintivo. Convencionou-se que se pertencer a uma raça considerada inferior, é não humano. Na escala, quanto mais próximo da natureza é menos humano. Assim, o que é “índio”? aquele que não é branco. O que é negro? aquele que não é branco. Portanto, indígenas e negros não são humanos”. (Paim, 2023, p.210)

Seguindo essa lógica racista, aqueles (os europeus/brancos) considerados humanos, nessa hierarquia racial, podiam ter história e cultura. Os africanos e indígenas não tidos como humanos só podiam ser assimilados à cultura europeia, foi o que se tentou e ainda se tenta fazer no Brasil.

Portanto, o que está se discutindo nesse breve texto não é se estão certos ou não as ideologias nacionalistas e pensadores atrás dos movimentos da causa negra, a negritude de Aimé Césaire e Léopold Senghor que exaltava a beleza, a arte e história da cultura negra, o pan-africanismo etc, mas o contexto da época e também vivido por essa diáspora africana que cria essa nova África para enfrentar os colonialismos e racismos. A diáspora africana ressignifica a ideia de África para combater a discriminação e estereótipos negativos construído pelo ocidente para justificar a sua dominação e exploração, e ao mesmo tempo essa diáspora olha para África como seu lugar de origem, da ancestralidade, berço da cultura negra e a terra do chamado negro.

O que para nós é compreensível, pois a própria diáspora africana sofreu e sofre mais com racismo do que africano que está no continente. Vivendo na metrópole, o mesmo tem mais contato com o colonizador, a branquitude do que o africano que vive no continente. Muitos de nós (africanos de África) sentimos racismo só quando sai do continente, e muitas comunidades têm pouco contato com os chamados brancos, caso do arquipélago dos Bijagós onde nasci e cresci.

Portanto, quando a Conceição (2021), enfatiza nas "Narrativas de (re)existência", a necessidade dos povos subjugados se apropriarem do passado não escrito na história oficial, caso dos afrodescendentes, como um elemento emancipador, é uma forma de resgatar essa humanidade negada pela branquitude, pois, como havíamos mencionados, os negros não tinham direito à história e à cultura por serem deslocados à categoria de sub-humanos e, só podiam ser tutelados nessa ordem

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

racial. Ao mesmo tempo, essa apropriação do passado narrado e não escrito é uma tentativa de registrar experiências vividas, memórias e histórias de seus antepassados africanos na diáspora, que lhes foram negadas. Então, é um movimento que ressignifica a ideia de África no contexto brasileiro. Pois, o africano que chega ao litoral brasileiro como escravizado só podia carregar consigo as experiências, memórias culturais e a pele cheia de melanina como sua maior marca. E, entretanto, educado nas tradições orais e métodos de preservação da memória na África, o africano escravizado teve que, no Brasil, repassar aos seus descendentes sua história e cultura africana de outros modos, muitas vezes clandestinamente, já que algumas de suas práticas foram até criminalizadas, como a capoeira. Nesse contexto, ela nos diz o seguinte:

(...) “Reunindo elementos culturais de matriz africana como forma de resistência, e com isso buscando novas formas de intervenção no social -, os afro-brasileiros promovem arte e política a partir da condição de subalternidade experimentada por eles. Apropriação do passado tem nos permitido questionar a ideia da nação brasileira “pátria mãe gentil” de todos, na medida em que ainda experimentamos vários processos de exclusão, e ainda nos oferece a percepção de que temos uma experiência comum, um destino partilhado, uma história “transversalizada” da África a diáspora”. (Evaristo, 2021, p. 25)

Nessa mesma linha a escritora continua apresentando essa diáspora africana brasileira dizendo:

(...) De mãos, reconstitui e reterritorializa a sua cultura de origem diaspórica, criando a possibilidade de viver um contínuo da tradição africana, apesar do espaço e tempos históricos diferentes. Assim, o contínuo de uma africanidade na diáspora vai ser possibilitado pela força da memória coletiva, que, mesmo rasurada, permite ao africano e seus descendentes a manutenção de um patrimônio simbólico herdado do continente africano. É pela força da memória que o sujeito afro-diaspórico pode se reconectar com o território africano, seu ponto de origem. (Evaristo, 2021, p.26)

Na memória reside a alma da resistência, e é a única coisa que o migrant nu⁸ consegue aportar. Acorrentado, o africano no exílio (Evaristo, 2019), se reterritorializa e reconstrói a própria cultura com estratos da memória e experiência. A diáspora afro-brasileira recria imagem de África a partir do próprio contexto local e o olhar que faz das suas origens. E muitos de nós, africanos de África, quando cá chegamos, à diáspora e nos dias atuais, encontramos essa África ressignificada e que luta contra racismos, preconceitos e seu lugar na sociedade brasileira e no mundo ocidental. Por isso que, nos identificamos mais com essa identidade africana quando estamos na diáspora do que quando estamos no continente. Porque na diáspora se discute mais África como um todo do que a heterogeneidade dos povos que lá vivem. Por isso que quando digo a uma pessoa que sou Bijagó, ele provavelmente, lembrará mais de mim como africano do que como Bijagó.

E, no entanto, com a luta do movimento negro surge a lei 10.639/2003, que visa a promover uma educação inclusiva, antirracista e plural capaz de acompanhar e reconhecer essa heterogeneidade cultural e social da sociedade brasileira ao qual falamos no início. Portanto, como ensinar essa África e sua diáspora nas salas de aula? Uma que surge a partir de um contexto de racialização e

⁸ (Glassient apud Evaristo, 2021)

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

hierarquização dos grupos humanos, e, continua lutando para reconstruir o próprio passado. Que contribuição têm esses novos africanos que estão vindo num contexto totalmente diferente do que vinham os seus antepassados? Quais propostas teóricos-metodológicos poderão ser construídos para educar através das suas narrativas de experiências utilizado mônadas?

Propostas para educar pelas Narrativas Utilizando as Mônadas

A implementação da obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira (Lei 10.639/2003) nas escolas brasileiras é fruto de uma luta do movimento negro brasileiro, que procura preencher uma lacuna aberta e profunda na história do país. Uma lacuna que se abriu desde a chegada dos primeiros africanos acorrentados aos litorais brasileiros. O Brasil precisa encarar a própria história de frente, seu passado sombrio e, com isso, procurar mecanismos para solucionar os problemas que dela surgem.

Propomos, neste texto, algumas propostas teórico-metodológicas educacionais que utilizam narrativas de experiências e relatos de memórias como método educativo. E, nessa mesma linha, propõe-se utilizar as mônadas como unidades de interação e representação dessas experiências. A utilização e leituras monodológicas aqui, nesse contexto, são entendidas a partir da Cyntia Simioni França, como elementos de leitura que “tenciona nossas experiências singulares na relação com outras experiências, possibilita encontrar o semelhante no mundo, de nos reconhecermos e nos constituirmos na relação”. (França, 2023, p.245). Pois acreditamos que outras experiências têm um potencial enorme para contribuir em nossa educação e melhorar o combate a qualquer tipo de preconceito e discriminação. Colocar-se no lugar do outro é também uma arte e, ela é possibilitada pela capacidade de escutar, ler as experiências outras sem análises meramente cientificista, que não visão da Cyntia França esses só “buscam simplesmente a classificação dos dados e disseminação de regimes de “verdades”, ofuscando o brilho de cada experiência humana”. (França, 2023, p.245). As mônadas, nesse contexto, servem como elemento de interação, de escuta e conexão interpessoais. Quem consegue me escutar? Porque escutar significa também apreender o novo sem lançar pedras ou julgar. Porque as nossas experiências de vida nos dão conhecimento. O racismo e discriminação que sofre as populações negras, indígenas, LGBTQ, mulheres entre outras minorias lhe dão conhecimento. Porque não os ouvir?

Entretanto, no contexto da construção desse pequeno diálogo, as falas do nosso entrevistado, Nataniel, funcionam como essas mônadas: cada relato é uma unidade de experiência subjetiva que, ao ser analisada, revela complexas camadas de memória, identidade, resistência e os impactos da colonialidade e do racismo na vida de um africano e afrodescendente na diáspora.

O nosso entrevistado é de nacionalidade angolana, (um país africano que se tornou

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

politicamente independente de Portugal em 11 de novembro de 1975) o mesmo conta que chegou ao Brasil em 2014 como estudante da Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira). Nesse contato, em um novo lar, ele relata o caso de preconceito ocorrido nos primeiros dias no Ceará, Brasil. Uma narrativa de experiência de um africano no Brasil em mônadas, com grande potencial de aprendizagem.

Mônada: O primeiro que sofre, lembro. O primeiro preconceito que sofre foi no Ceará, quando eu cheguei, eu estava lá no Ceará, eu lembro, eu estava com um amigo, o Zé Bedeu, a gente morou juntos. [...] E eu subi no ônibus, estávamos saindo de Fortaleza, lembro muito bem de Fortaleza para Acarape. Subimos no ônibus e eu vi o lugar onde podia me sentar, eu vi que é um lugar onde tinha uma senhora, estava a senhora, e tinha um lugar vago, meu amigo se sentou em outro lugar, apesar que a gente preferisse sentar-se juntos, então, queríamos sentar-se juntos. Só que, eu fui me sentar, porque não tinha lugar para estarmos juntos, sentei-me assim, E ele no outro lado, só que eu me sentei, eu me sentei ao lado de uma senhora, aqui no Brasil chamam parda, né? Ela é parda, pardo, enfim, para nós em Angola é mulata, ou latona. Eu a vi, sentei-me, pedi licença, sentei-me, e ela começou a me observar. Primeiro a pasta (a bolsa) estava no lugar, tirou a pasta daquele lugar, colocou no outro, e eu fiquei só assim, observando. Ela começou sempre a observar, observar, observar, me olhar, eu fiquei tipo nada, o que tem com ela? Fiquei tranquilo, não fiz nada, não tenho nenhum perigo para com ela. De repente ela pegou, me olhou, me olhou, ficou assim, com uma cara de quem está incomodada pela minha presença, depois de um instante pegou a pasta e levantou-se, saiu e foi se sentar em outro lugar. E aquilo eu entendi, que era uma questão de discriminação dela, entendi aqui, eu por ser africano, preto, e ela por ser brasileira, pelo menos acho que ela se achava branca, não sei, e foi lá, eu me senti mal naquele dia. Falei com meu amigo, expliquei, me senti mal, mal, mal, mal, mas aí falei, essa é a realidade do Brasil, tive esse choque, falei “que triste, sabe, mas é isso”. Fora as questões que às vezes você está em uma calçada, está vindo em uma calçada, outra senhora lá branca, ou parda, sei lá o que for, te vê e muda de calçada, porque você, sendo preto, africano é uma ameaça em potencial, ameaça, para parar com ela. Enfim, sei lá, então é isso, que eu me lembro, a princípio é isso, que eu me lembro, deve ter outros acontecimentos, mas não me vem à mente no momento. (Nataniel; entrevista realizado em junho de 2025)

Mônada: Foi preciso uma lei para ensinar sobre a África! O ensino da história e cultura africana e afro-brasileira é algo que sabemos que está voltado a questões políticas também, mas só conseguimos ver essa obrigatoriedade do ensino da história, cultura afrobrasileira e africana nas escolas, só em 2003, com a lei que foi sancionada, a lei 10.639. Então foi preciso uma lei para ter que ensinar isso, mesmo sabendo que uma boa parte, naquela época, se não quase beirando a maioria parte da população, já é uma população de origem africana, preta, parda, como bem entendemos. [...] E, nas escolas, infelizmente, muito pouco é ensinado, é que eu tive contato, tive estágio, fiz cinco estágios, era difícil, o pessoal quase não ensinava nada, mesmo tendo essa lei. Mesmo quando ensinava era muito superficial, às vezes, um abismo de desconhecimento, sabe? Sobre a realidade de África, sobre a história de África. Eu lembro que fizemos uma vez, eu participei do PIBID, fui bolsista do PIBID, e nessa questão da bolsa, nós trabalhamos com a literatura africana, cultura africana e afro-brasileira. Trabalhamos por um projeto durante dois anos. E o primeiro show que nós fizemos, quando fizemos a abertura, nos apresentamos a África, alguns recortes, digamos assim, que tinha menino da Guiné-Bissau, eu, de Angola, tinha o de São Tomé e Príncipe né, e de Cabo Verde. E brasileiros também participaram desse mesmo projeto. Quando fizemos uma apresentação, falamos sobre Angola, África no geral, e no final, primeiro trouxemos uma questão de identidade, identidade através dos cabelos. [...], mas depois começamos a explicar de onde é que vem? Como é que vem? Porque houve aquele choque inicial, e quebramos o gelo, os meninos começaram a se identificar com aquilo, falavam que faz sentido, que é bonito, não sei o quê. Depois, no final, eu lembro a Edna, ela perguntou, procurou saber, na verdade nem procurou, as meninas pediram para fazer tranças na cabeça dela. Eu também quero, acho muito lindo, me identifiquei. Tinha que ver que o menino estava a chorar, sabe, no final a chorarem, não sabia que eu sou preto, não sabia dessa brincadeira. Eu falei, meu, nunca vi. Eu tenho até hoje no meu computador, antigo, só que ele nunca mais ligou. Eu tenho até hoje esses registros. Menina falando, o final é muito bom,

Ano V, v.2 2025 | **submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025**

não sei o quê, porque ninguém nos ensinou, não sei das quantas. Eu falei, pois é, né? Estamos aqui para isso. E trabalhamos, vejo que foi muito produtivo. Pelo menos naquela escola, ela pode aprender muito sobre a questão da cultura africana, afrobrasileira, a história, a literatura e outros pontos mais. (Nataniel; entrevista realizado em junho, 2025)

O uso de relatos de experiência é um importantíssimo método educativo, nos tira da cadeira de conforto e possibilita outras leituras, dando um olhar á outros ângulos da sociedade. Muitos de nós, africanos, quando chegamos aqui no brasil, nos deparamos com uma sociedade que já tem uma leitura prévia e negativa sobre nossos corpos negros. Uma leitura já dada pelo imaginario racial que olha para os negros como algo homegenio, nessa ordem racial, e atribuido-o todo estereotipo negativo que pode existir e, tido, nesse imaginario inconciente-coletivo como um perigo a ser eliminado. Ou seja, a pele negra nos torna criminosos mesmo sem cometer nenhum crime.

As narrativas, especialmente as orais, relatos de experiências em sala de aula é uma forma de combater esses estereótipos e preconceitos gerados pelo racismo. E, ao mesmo tempo, dialoga diretamente com as tradições africanas de transmissão do conhecimento, como bem enfatizado por Amadou Hampâté Bâ⁹. Se a história oficial brasileira buscou silenciar e deturpar a história e as vivências de africanos e seus descendentes no Brasil, as narrativas pessoais emergem como uma veia subterrânea de saber e reexistência, conforme enfatiza nas palavras de Conceição Evaristo.

Entretanto, ao trazer essas vozes para a sala de aula, o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira transcende a mera transmissão de fatos, tornando-se uma prática que: Humaniza o conhecimento, que conecte os estudantes a experiências reais e vivas, promovendo empatia e desconstruindo estereótipos; Que empodere sujeitos e reconhecendo a produção de conhecimento de povos historicamente marginalizados; Que ressignifique a África e sua diáspora, apresentando-a viva, heterogênea e em constante diálogo com as realidades dos seus descendentes ao redor do mundo, especialmente no Brasil.

Portanto, para a aplicação das propostas, sugerimos a criação de projetos pedagógicos que incluam:

Coleta e Análise de Narrativas: A partir de entrevistas e relatos orais, como o caso de Nataniel, ou de outras fontes narrativas (literatura, músicas, depoimentos). A metodologia das mônadas auxiliaria na identificação dos pontos centrais e das interconexões presentes nessas falas.

Criação de Materiais Didáticos Baseados em Mônadas: Elaboração de recursos (vídeos, textos curtos, atividades) que partam de trechos significativos das narrativas (as mônadas) para

⁹ Segundo o malinês, Amadou Hampaté Bâ: “A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar -se ao alcance dos homens, falar -lhes de acordo com o entendimento humano, revelar -se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial”. (BA, 2010, p.162)

Ano V, v.2 2025 | submissão: 28/11/2025 | aceito: 30/11/2025 | publicação: 02/12/2025

explorar conceitos históricos, sociais e culturais.

Rodas de Conversa e Debates: Criar espaços onde pode ser convidado um estudante ou um africano residente no Brasil para um diálogo de interação e integração, onde falará das suas experiências e memórias enquanto um africano no Brasil contemporâneo. E, ao mesmo tempo, dialogar sobre as narrativas apresentadas, compartilhando suas percepções e conectando-as à sua própria realidade e ao currículo escolar.

Produção de Contranarrativas: Incentivar os alunos a criar suas próprias narrativas ou escrever cartas-respostas às mônadas e relatos de experiências lidas, debatidas ou escutadas nas rodas de conversas. E, incentivar o (re)conto ou (re)escrita da história a partir de perspectivas afro-brasileiras e africanas, usando diferentes linguagens (escrita, artística, oral).

Essa abordagem metodológica, centrada nas narrativas como mônadas, busca não apenas cumprir a Lei 10.639/2003, mas ir além, construindo um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo, que valoriza a diversidade cultural e promove a formação de cidadãos conscientes e antirracistas, capazes de reconhecer a complexidade e a riqueza das contribuições africanas e afro-brasileiras para a sociedade.

Conclusão

O presente artigo partiu do pressuposto de que o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, mesmo após a sanção da Lei 10.639/2003, ainda enfrenta o desafio do apagamento histórico e do racismo estrutural. Tal apagamento representa uma barreira à verdadeira integração dos povos historicamente marginalizados, exigindo a elaboração de propostas educativas que busquem não apenas cumprir a lei, mas contribuir para a erradicação do racismo e das desigualdades sociais e raciais dele derivadas.

É nesse contexto que nosso texto se propôs a apresentar propostas educacionais que empregam narrativas de experiência e relatos de memórias como mônadas. Demonstramos que essas narrativas, como as de Nataniel, carregam a herança de movimentos como o panafricanismo e as "narrativas de re(existência)" de Conceição Evaristo. Ao se reterritorializar, a diáspora africana no Brasil ressignificou a ideia de África a partir de suas memórias ancestrais, criando uma rica cultura que precisa ser valorizada.

Portanto, o uso das mônadas no ensino vai além do cumprimento da lei. Ele constrói um ambiente educacional mais inclusivo, capaz de valorizar a diversidade cultural e de formar cidadãos conscientes e antirracistas. Humanizar as nossas experiências e aprender a se colocar no lugar do outro é, em última análise, o caminho para construir um futuro e um mundo menos egoísta e individualista.



REFERÊNCIAS

APPIAH, KWAME ANTHONY. *A invenção da África*. In: _____. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. São Paulo: Contraponto, 1997. p. 22.

BÂ, AMADOU HAMPÂTÉ. *A tradição oral*. In: *História Geral da África*, v. I. São Paulo: Ática/UNESCO, 2010. p. 162.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. Narrativas de (Re)Existência. In: PEREIRA, Amílcar Araújo (Org.). *Narrativas de (Re)Existência: antirracismo, história e educação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

FRANÇA, CYNTIA SIMIONI. Narrativa e mônada benjaminiana: potencialidades para produção de conhecimentos históricos e educacionais. In: PAIM, Elison Antonio; SANTANA, Giovana;

HADLER, Maria Sílvia Duarte; PEREIRA, Pedro Mulbersted (Orgs.). *Conhecimentos históricos-educacionais: diálogos com Walter Benjamin*. São Paulo: Pimenta Cultura, 2023. p. 245.

GROSGOUEL, RAMÓN. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

KHAPOYA, VINCENT B. Nacionalismo africano e luta pela independência. In: _____. *A experiência africana*. Petrópolis: Vozes, 2015. cap. 5, p. 210.

KI-ZERBO, JOSEPH. Introdução. In: *História Geral da África*, v. I. São Paulo: Ática/UNESCO, 2010. p. 32.

MIRANDA, CLAUDIA; QUIÑONEZ, Fanny Milena Riasco; QUIÑONEZ, Jhon Henry Arboleda. Discursos e propostas etnoeducativas no Brasil e na Colômbia. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1.

PAIM, ELISON ANTONIO. Racismos e antirracismos: diálogos decoloniais pelas resistências, (re)existências e (re)vivências. In: PAULILO, André; HADLER, Maria Sílvia Duarte (Orgs.). *Contra o adverso: histórias da população negra*. Campinas, SP: CMU, 2023. p. 209-210.

VANSINA, JAN. *A tradição oral e sua metodologia*. In: *História Geral da África*, v. I. São Paulo: Ática/UNESCO, 2010.